

A MATEMÁTICA NA ELIMINAÇÃO DOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Maria de Fátima Carvalho Costa 1

Mônica Soares da Silva 2

Alexandro Alves Vieira 3

1 Universidade Federal de Campina Grande, fatimacarvalho119@gmail.com

2 Universidade Federal de Campina Grande, monicasoaresvsjr@gmail.com

3 Universidade Federal de Campina Grande, alecx.alves@gmail.com

Introdução

Trabalhar com alunos que possuem algum tipo de Necessidade Educacionais Especiais (NEE) é algo que gera um grande receio entre os professores, pois muitos não se sentem capacitados para este público, principalmente quando eles estão em salas de aulas com alunos que são considerados “normais” perante a sociedade. Outra grande dúvida a respeito deste público com NEE, é sobre quais metodologias podem ser utilizadas, pois muitos acreditam que alunos que possuem alguma necessidade conseguem apenas trabalhar com materiais concretos ou apenas na transcrição da lousa para o caderno. Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), consideram-se alunos com NEE os que apresentam deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades.

Diante desta realidade, nós bolsistas do PIBID de Matemática da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cuité, ao nos deparamos com três alunos com NEE matriculados em uma turma tradicional da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, Cuité-PB, propusemos a realização de um projeto, a princípio, acessível a todos, denominado “Desenho Geométrico: Auxiliando o Conhecimento da Geometria”, em que os alunos além de aulas expositivas e dialogadas, faziam uso de materiais concretos.

Segundo Mendes (2012) “Além de ser um direito, a Educação inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do mundo contemporâneo. Incentiva uma pedagogia não homogeneizadora e desenvolve competências interpessoais. A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la. Claro que isso gera novas tensões e conflitos, mas também estimula as habilidades morais para a convivência democrática. O resultado final, desfocado pela miopia de alguns, é uma Educação melhor para todos”.

Para Fonseca (2003, p. 104) “educar uma criança com necessidades educacionais especiais ao lado de crianças normais é um dos principais basilares da sociedade democrática e solidária”.

O trabalho ora apresentado consiste em uma abordagem descritiva em que iremos relatar as observações feitas durante a aplicação do referido projeto, aplicado a uma turma tradicional, contendo um aluno com microcefalia e duas alunas com deficiência intelectual. No decorrer do trabalho iremos mostrar como os alunos que possuem NEE se adequaram a atividade, de maneira que conseguiram o mesmo desempenho dos demais alunos da turma, desmistificando os paradigmas educacionais nos quais eles estão inseridos.

Metodologia

Para realização deste trabalho observamos os alunos de uma turma de ensino médio no decorrer da atividade “Desenho Geométrico: Auxiliando o Conhecimento da Geometria”, dando a atenção especial ao desenvolvimento dos alunos com NEE. Durante as aulas, abordavam-se várias definições e construções geométricas, e a partir delas, os alunos teriam que realizar diversas construções geométricas fazendo uso de matérias concreto como compassos, régua e esquadros. Para finalizar a atividade, aplicamos um jogo denominado “Batalha Naval com ângulos” que exigia o conhecimento dos conteúdos abordados.

O trabalho está centrado em uma abordagem qualitativa (Dalbério, 2009), onde se buscou compreender o fenômeno estudado em seu ambiente usual, neste caso, a sala de aula, ou seja, como os alunos com NEE se comportam e atuam, o que pensam e quais suas atitudes, possibilitando assim, detectar as dificuldades encontradas pelos pesquisadores em trabalhar a matemática concreta com esse público alvo.

Resultados e discussão

Durante a atividade pode-se perceber um grande entrosamento entre os alunos com NEE e os demais alunos da turma, de maneira a promover o entedimento dos conteúdos abordados na atividade, obtendo-se assim resultados satisfatórios.

De início, por se tratar de algo desafiador, tivemos certo receio em trabalhar com esse público alvo, pois os mesmos estavam inseridos em uma sala de aula mista, onde os alunos não estavam acostumados com metodologias diferenciadas até o presente momento. Tal sentimento, mudou no momento em que iniciamos as atividades, pois os alunos com NEE, mesmo diante de suas necessidades, se mostraram bastante interessados, participando ativamente, e conseguindo chegar ao fim da atividade de forma satisfatória, mostrando suas potencialidades e quebrando os paradigmas educacionais existentes.

Poder observar alunos com NEE, tidos como “incapacitados” perante a sociedade, trabalharem com materiais lúdicos, em que se faz necessário o uso de atividades psicomotoras que requer uma grande atenção sobre o que está sendo feito, é algo que nos leva a acreditar na mudança do quadro educacional, principalmente quando estamos tratando de escolas estaduais e de ensino integrador, onde nos deparamos com salas de aula com um grande contingente de alunos e professores que já se encontram cansados diante da sua carga horária diária.

Conclusões

Ao fim da atividade, foi feito um balanço a respeito das dificuldades, dos objetivos e dos resultados que fizeram parte do cotidiano dos pesquisadores, concluindo-se que a educação inclusiva é algo que está longe de ser aquilo que encontramos escrito nas leis que regem nosso país, no papel tudo se torna algo bonito, mais quando nos deparamos com a realidade do nosso sistema educacional vemos que nem tudo é aquilo que lemos. Para os alunos com NEE que estão inseridos em salas de ensino regular é algo desafiador perante o quadro que encontramos, salas cheias e apenas um professor em sala de aula para atender as necessidades de todos.

Para nós pesquisadores, a realidade foi diferente daquilo que estávamos esperando, por ser algo inovador, existiu um certo receio ao está envolvido com esse público alvo, porém, percebemos que apesar da educação inclusiva ser bem mais complexa daquilo descrito nas

leis, e das dificuldades encontradas na sala aula, é algo bastante prazeroso, pois nos permite inovar nas metodologias e sempre está aberto a diferentes métodos.

Perceber que os alunos com NEE estão envolvidos nas aulas e que estão compreendendo o conteúdo que está sendo trabalhado é bastante importante para desmistificar a ideia de que eles apenas conseguem transcrever o que está sendo exposto em aulas, mas realmente estão aptos a está inseridos em salas de ensino regular, pois, desde que sejam acompanhados com respeito e dignidade, seu desenvolvimento acadêmico pode ser semelhante aos demais alunos. Contudo, o aumento significativo de matrículas de alunos com NEE, demonstra a necessidade urgente de providências em relação a esse alunado nas escolas regulares e, principalmente, o desafio de preparar professores e escolas para inclusão real desses alunos.

Palavras-Chave: educação inclusiva, matemática, paradigmas educacionais.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação Inclusiva. Ministério da Educação. Brasília, 2008.

DALBÉRIO, Osvaldo; DALBÉRIO, Maria Célia Borges. Metodologia Científica Desafios e caminhos. São Paulo: Paulus. 2009.

FONSECA, Vítor da. Tendências Futuras da Educação Inclusiva. Educação, Porto Alegre, v.49. mar. 2003.

MENDES, Rodrigo Hubner. O pleonasma da educação inclusiva. Revista TAM nas Nuvens, v. 2, n. 21, p. 44, set. 2009.